

Clipping de Notícias Comércio Exterior 24 de fevereiro de 2016



Brasília
2016



2016. Federação das Indústrias do Distrito Federal – Sistema Fibra

Todos os direitos reservados.

Informações e contatos

Federação das Indústrias do Distrito Federal – Sistema Fibra

Instituto Euvaldo Lodi – IEL/DF

Centro Internacional de Negócios – CIN/DF

SIA Trecho 3/4 Lote 225

Telefone: (61) 3362-6122

Site: www.sistemapibra.or.br

Presidente do Sistema Fibra

Jamal Jorge Bittar

Diretor Secretário

Paulo Eduardo M. de Ávila e Silva

Superintendente do IEL/DF

Cláudio Rodrigues Tavares

Centro Internacional de Negócios

Gerente

Viviane Brunelly Tavares Ribeiro

Equipe técnica

José Fernando Dantas de Sousa



Sumário

MDIC

Brasil e México concluem acordo para comercialização de cachaça e tequila .. 4

Exame.com

Real tem desempenho melhor que outras moedas na AL em 2016..... 5

Valor Econômico

Déficit menor em janeiro indica ajuste externo mais acelerado..... 7

Déficit da balança comercial de eletroeletrônicos recua 52% em janeiro..... 8

Estado de São Paulo

Agência Moody's corta a nota do Brasil em dois graus e tira o selo de bom pagador 9

Secretaria de Agricultura e Abastecimento

Secretaria de Agricultura participa das discussões sobre sanidade, produção e comércio exterior da cadeia de aves e ovos 10



Brasil e México concluem acordo para comercialização de cachaça e tequila

Fonte: MDIC

Data de publicação: 23/02/2016

Os ministros do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, e das Relações Exteriores, Mauro Vieira, concluíram ontem (22), em reunião com o secretário de Economia do México, Ildefonso Guajardo Villarreal, o "Acordo para reconhecimento mútuo da cachaça e da tequila, como Indicações Geográficas e Produtos Distintivos do Brasil e do México".

As negociações iniciaram em maio de 2015, quando a presidente Dilma Rousseff esteve no México em visita oficial. O acordo garantirá a proteção recíproca das bebidas nos mercados mexicano e brasileiro. Na prática, significa dizer que, após a entrada em vigor, toda a bebida vendida no Brasil com o nome de "tequila" será obrigatoriamente mexicana. A lógica também se aplica do outro lado. Toda "cachaça" vendida no mercado mexicano deverá, necessariamente, ter sido fabricada no Brasil.

Na avaliação do ministro Armando Monteiro, "a conclusão do acordo se constitui em um passo importante dentro do processo de aprofundamento das relações comerciais dos dois países. Temos com o México uma relação prioritária, que se expressa na negociação em curso para ampliação do ACE-53. Na reunião que tivemos com o ministro Guajardo, fizemos uma avaliação do andamento das negociações e reafirmamos a disposição de ampliar ao máximo a cobertura do acordo, que não envolverá apenas bens, mas também temas fundamentais para a ampliação das nossas relações comerciais, como compras governamentais, serviços, propriedade intelectual e convergência regulatória".

O acordo prevê ainda a criação de um Grupo de Trabalho que irá acompanhar sua implantação. Na avaliação das autoridades de Brasil e México, o acordo colabora também para a expansão do reconhecimento mundial tanto da cachaça quanto da tequila, como bebidas típicas do Brasil e do México, respectivamente.

Em 2015, de acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior do MDIC, o Brasil exportou 40 mil litros de cachaça para o México, o que representou vendas de US\$ 65,5 mil. O México foi o 22º maior mercado consumidor da cachaça brasileira, cuja exportação total chegou a 7,8 milhões de litros no ano passado.

Leia em:

<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=1¬icia=14343>



Real tem desempenho melhor que outras moedas na AL em 2016

Fonte: Exame.com

Data de publicação: 23/02/2016

A recuperação das contas externas no Brasil vem ajudando o real a ter desempenho melhor do que outras moedas da América Latina neste início de ano, mas essa tendência pode não durar em meio ao quadro de incertezas políticas e à profunda recessão econômica no país.

Após saltar quase 50 por cento em 2015, o dólar subiu apenas 0,05 por cento contra o real neste ano, até a véspera. Em comparação, a moeda norte-americana acumulou alta de 17 por cento contra o peso mexicano no ano passado e avanço de cerca de 5,24 por cento agora.

O mesmo ocorre no mercado colombiano, onde a divisa dos EUA saltou mais de 30 por cento em 2015 e subiu 4,28 por cento neste ano. Na América Latina, o dólar só se desvalorizou frente ao peso chileno, reflexo da recuperação dos preços do cobre frente às mínimas vistas no início do ano.

"Politicamente e fiscalmente, as coisas continuam uma bagunça. Mas, no lado da economia real, não se pode ignorar que está ocorrendo um ajuste bastante forte nas contas externas (no Brasil)", disse o gestor da Aberdeen Asset Management Viktor Szabo.

O Brasil fechou 2015 com déficit em transações correntes de 58,9 bilhões de dólares, o melhor desde 2010, segundo o Banco Central, rombo totalmente coberto pelos investimentos estrangeiros diretos no país, que somaram 75,075 bilhões de dólares no período.

Os dados da conta corrente refletem a combinação de encarecimento de bens e serviços importados devido à alta do dólar e fraqueza da demanda doméstica.

A tendência continuou no início de 2016, com o déficit em transações correntes recuando 60 por cento em janeiro. A recessão econômica e o dólar forte continuaram fazendo as importações caírem mais do que as exportações e levando brasileiros a gastarem menos em viagens lá fora.

As saídas de capitais do país vêm diminuindo, o que serve de plataforma para estabilizar o câmbio. O banco Itaú espera que essa tendência continue e apoie a recuperação da economia, com o déficit em transações correntes zerando até 2017.

"Uma vez dando suporte para o câmbio, (as contas externas) permitem uma trajetória declinante para a inflação e, portanto, vão permitir no futuro uma trajetória declinante de juros", disse o economista-chefe do Itaú, Ilan Goldfajn, em recente almoço com jornalistas.



Outro fator que explica o bom desempenho do real neste ano é o fato de que os juros altos no Brasil encarecem apostas no avanço da moeda norte-americana. Com a Selic a 14,25 por cento ao ano, fica difícil uma operação cambial bater esse rendimento.

O próprio Banco Central tem deixando claro que não vê espaço para "movimentos significativos" de depreciação cambial neste ano.

Contratos a termo de dólar --instrumento tipicamente usado para especulação ou hedge, já que não tem entrega física-- com prazo de um ano têm sido negociado perto de 4,40 reais. Ou seja, o dólar teria que subir cerca de 10 por cento nesse período para que a aposta sequer não dê prejuízo.

Em relatório, os analistas da Nomura Securities Mario Robles e João Pedro Ribeiro escreveram que esses fatores podem levar o real a continuar tendo desempenho melhor que seus pares nos próximos meses, mas ressaltaram riscos "consideráveis" relacionados ao ambiente doméstico no Brasil.

PERIGOS O cenário econômico e político do país deixa parte dos especialistas mais pessimistas. Enquanto o Nomura espera que o dólar termine o ano a 4,20 reais, o JPMorgan projeta que a moeda norte-americana deve ir a 4,70 reais no mesmo período, reflexo da piora das expectativas inflacionárias.

Para o economista para América Latina da 4Cast, Pedro Tuesta, o processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff e dúvidas sobre o comprometimento do governo com o ajuste fiscal são motivos que devem fazer o dólar voltar a subir mais que seus pares.

É essa a aposta da Verde Asset Management, que afirmou em relatório que tem aproveitado a trégua no câmbio para montar posições que se beneficiam de eventual alta da moeda norte-americana.

"Nos surpreende o fato de o real ser uma das moedas de melhor performance no mundo em 2016. Acreditamos que tal fenômeno seja temporário, ainda mais dada a inflação brasileira sistematicamente mais alta que dos pares", trouxe o relatório.

Leia em:

<http://exame.abril.com.br/mercados/noticias/contas-externas-ajudam-o-real-a-ter-desempenho-melhor-que-outras-moedas-em-2016>



Déficit menor em janeiro indica ajuste externo mais acelerado

Fonte: Valor Econômico

Data de publicação: 24/02/2016

O déficit em transações correntes ficou abaixo do previsto em janeiro e os dados coletados até agora para fevereiro poderão levar o Banco Central a projetar um ajuste ainda mais acentuado nas contas externas em 2016, indicou o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Túlio Maciel.

Leia em:

<http://www.valor.com.br/brasil/4451740/deficit-menor-em-janeiro-indica-ajuste-externo-mais-acelerado>



Déficit da balança comercial de eletroeletrônicos recua 52% em janeiro

Fonte: Valor Econômico

Data de publicação: 23/02/2016

As exportações de produtos eletroeletrônicos somaram US\$401,3 milhões em janeiro, 4,5% acima das ocorridas em igual mês do ano passado, segundo dados compilados pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee).

“Este crescimento foi pontual e ocorreu em função da elevação de 125,9% nas exportações de equipamentos industriais, mais especificamente, nas vendas para a China de dispositivos para tratamento de materiais por mudanças de temperatura, que somaram US\$90 milhões”, observa a entidade.

Leia em:

<http://www.valor.com.br/empresas/4451092/deficit-da-balanca-comercial-de-eletroeletronicos-recua-52-em-janeiro>



Agência Moody's corta a nota do Brasil em dois graus e tira o selo de bom pagador

Fonte: O Estado de S. Paulo

Data de publicação: 24/02/2016

A agência de classificação de risco Moody's rebaixou a nota do Brasil em dois graus, de Baa3 para Ba2, com perspectiva negativa - o que indica que o País pode sofrer novos rebaixamentos. Com isso, o País perdeu o grau de investimento e já não possui mais o selo de bom pagador por nenhuma das três principais agências do mundo, conforme noticiado pelo jornal O Estado de S. Paulo.

Leia em:

<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,agencia-moodys-tira-o-grau-de-investimento-do-brasil-,1836016>



Secretaria de Agricultura participa das discussões sobre sanidade, produção e comércio exterior da cadeia de aves e ovos

Fonte: Governo SP

Data de publicação: 24/02/2016

Terceiro produto no ranking do valor da produção agrícola, calculado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, por meio do Instituto de Economia Agrícola (IEA), atrás apenas da cana-de-açúcar e carne bovina, a carne de frango vem trazendo bons resultados para o País, garantindo confortável posição de maior exportador mundial. Reconhecendo a importância estratégica da cadeia e a necessidade de apoiar o desenvolvimento do setor, Arnaldo Jardim, titular da Pasta, participou da reunião das Câmaras de Casas Genéticas, Sanidade e de Ovos Comerciais e Ovo-produto, na sede da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

De acordo com a entidade, o País trabalhou muito para se tornar referência mundial. "Todos os continentes têm problemas com a Influenza Aviária, o Brasil é um território livre, em função das medidas que foram e estão sendo tomadas para garantir a segurança dos nossos produtos", afirmou Francisco Turra, presidente da ABPA.

As exportações brasileiras de carne de frango bateram o recorde em 2015, somando mais de 4 milhões de toneladas. O Estado de São Paulo é responsável por 12,4% do abate de frangos no País, ocupando o quarto lugar no ranking nacional da avicultura de corte e é o maior produtor de ovos comerciais. O monitoramento sanitário dos plantéis proporciona a certificação de qualidade da cadeia produtiva e promove maior competitividade dos produtos de origem avícola no mercado nacional e internacional.

Leia em:

<http://www.agricultura.sp.gov.br/noticias/3932-secretaria-de-agricultura-participa-das-discussoes-sobre-sanidade-producao-e-comercio-exterior-da-cadeia-de-aves-e-ovos>